



# O TÊXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

## TÊXTEIS DO PORTO!

### há que romper com as burocracias

Mais uma vez pela atenção e importância que o problema requer, a situação do Sindicato Têxtil do Porto é de novo aqui tratada. Porque está em jogo a defesa dos interesses de milhares de operários, com todos os seus gravíssimos problemas, impõe-se que voltemos de novo aqui ao assunto.

Aparentemente a situação encontra-se de novo num impasse criado mais uma vez pelo laço do patrão que utilizando sabidamente os extensos labirintos da burocracia fascista, impede que novas eleições se realizem. Como romper com este aparente impasse, eis a questão!

Será que para isso iremos continuar à espera do que dá a resolução do tribunal? Ou pelo contrário, baseados na experiência anterior, vamos retomar o problema doutro ângulo, desenvolvendo uma acção independente das resoluções do tribunal na exigência de novas eleições?

Ao chamarmos atrás « aparente impasse » à situação actual é porque estamos em crer que a mesma é ultrapassável, sobretudo desde que a acção

a desenvolver não seja pautada pela espera das decisões do tribunal, mas antes pelo recurso a acções massivas que obriguem o fascismo à marcação de novas eleições.

O que se passou anteriormente diz-nos que a um processo se seguirá outro. Disso não podemos ter dúvidas. O patronato irá mover processos sobre processos para atrasar a marcação de eleições. Arrastará a situação até onde puder, ou até onde a acção da classe lho permitir.

Perante tal situação só as acções massivas: amplas reuniões e assembleias, concentrações junto do Sindicato e INTP, os protestos a organizar a partir de cada empresa, etc., poderão obrigar o patronato e o fascismo a ceder.

O momento que atravessamos é particularmente propício para a realização dessas amplas reuniões e assembleias. Que os têxteis o saibam aproveitar para dar um outro rumo à sua luta na conquista duma direcção honesta e na resolução doutros importantes problemas que se lhes deparam.

## OS TÊXTEIS E A LUTA POLÍTICA

Em Outubro vão realizar-se « eleições » para deputados à chamada A.N.

Para o que aqui se procura, desde já, chamar a atenção, não é propriamente para as « eleições » em si, mas para a oportunidade que esse período oferece para intensificar no âmbito do Movimento Democrático, aproveitando um dos raros períodos em que o fascismo é obrigado a conceder uma maior possibilidade de acção legal, a luta pela conquista das liberdades fundamentais (entre elas o direito à greve e Sindicatos livres), contra a guerra colonial, pela Amnistia e contra o poder dos monopólios.

Dos mais interessados na conquista desses objectivos, os trabalhadores não se devem alhear da participação nessa luta, procurando antes ter nela um papel decisivo. A participação dos trabalhadores na grande campanha política de massas a travar durante esse período, deverá fazer-se através da participação nas reuniões, comícios, campanhas específicas a levar a cabo, organizando reuniões amplas de trabalhadores, para discutir os seus problemas mais agudos apoiando os seus candidatos, formando comissões de apoio à luta do M. D., fazendo chegar, em suma, junto das massas a sua influência e propaganda.

Da maior ou menor participação de trabalhadores nesta acção dependerá, sem dúvida, bastante do seu êxito na luta a travar contra o fascismo e na conquista duma vida melhor.

# SITENOR LUTA CONTRA OS DESPEDIMENTOS

Em Outubro vão realizar-se eleições para deputados.

Prelexiando reorganização de serviços e outros problemas levantados com a modificação da matéria-prima, a Sitenor (empresa do grupo CUF) despede abruptamente 200 operários, alguns já com adiantada idade.

Para protestar contra esta medida que pôs de um dia para o outro 200 operários a braços com a difícil situação de desemprego, num país onde os direitos sociais dos trabalhadores são pouco mais que ineficazes, mais de duas centenas concentraram-se na empresa fazendo ativamente sentir o seu protesto contra este arbitrariedade.

«Porquê estes despedimentos?»

A ameaça de despedimentos já pairava na empresa há alguns meses. Alguns despedimentos já anteriormente tinham sido feitos.

A recusa da empresa a assinar o A.C.T. e o descontentamento que isso estava a provocar entre os operários levava já a direcção da empresa a recorrer ao despedimento ou à sua ameaça, numa tentativa de fomentar a desunião e o medo entre os operários, tentando assim evitar que se unissem na luta pela conquista das suas reivindicações.

Algumas outras dificuldades surgidas com a compra da matéria-prima, a juta, levam a Sitenor a

modificar este produto substituindo-o por outro extraído do petróleo (possivelmente também já a pensar nos produtos saídos da futura refinaria de Sines). Esta modificação exigia por sua vez uma modificação na produção, obrigando a uma maior mecanização. Tanto bastou para que a Sitenor, protegida por uma legislação anti-operária e pelo estado policial de Caetano, resolvesse mais uma vez os seus problemas à custa dos trabalhadores. O despedimento de 200 operários foi assim o caminho mais fácil, mais cómodo e mais barato que os monopolistas da CUF encontraram para a resolução do seu problema.

Estes despedimentos não são um facto isolado. Há alguns meses atrás, pretextando «reorganização de serviços», a Oliveira e Ferreira, de Riba d'Ave, despediu dezenas de operários. O mesmo tinha já acontecido na Coelima e noutras empresas da zona, isto para citar só os casos mais recentes. «Racionalização de trabalho», «Reorganização», «Falta de matéria-prima» são algumas das «explicações» com que o patronato pretende encobrir aos olhos dos trabalhadores as suas dificuldades com a concorrência, com a colocação de produtos e, sobretudo, a sua ansia de obtenção do lucro máximo.

Fazendo pagar aos trabalhadores essas dificuldades, tentando através de uma exploração infame o máximo do lucro, para os operários que ficam essas «reorganizações» traduzem-se, regra geral, em brutais ritmos de trabalho. O patronato pretende com 80 fazer o mesmo que fazia com 100, ao mesmo tempo que jogando com a ameaça do desemprego tenta assim travar a luta dos operários por maiores salários e melhores condições de trabalho.

A ausência de liberdades fundamentais, a falta do direito à greve e de Sindicatos livres, a ferocidade com que são reprimidas as manifestações de protesto dos trabalhadores, típica situação de um regime fascista como o de Caetano, contribui decisivamente para que mais frequentemente estas arbitrariedades do patronato aconteçam e mais à vontade se sintam para as pôr em prática.

Porém a resposta dada pelos operários da Sitenor, concentrando-se junto da empresa, é, como mais que uma vez já foi demonstrado por outros operários outras empresas (caso da Gialco do Porto), um dos caminhos a seguir.

Luta unida contra os despedimentos utilizando para isso quando necessário, algumas das armas mais eficazes de que os trabalhadores dispõem: a paralisação e a greve.

(continua na pag. 4)

# LUTAS DE LUTAS LUTAS LUTAS

ganhamos que se dizem para  
deusa dos trabalhadores, ne-  
gocela nas costas das traba-  
lhadores contatos que em na-  
da os vão beneficiar.  
Estes factos indubitam for-

Procurando negociar com o dinheiro dos trabalhadores, os patrões da TEBE preparavam pela calada a modificação do pagamento de salário semanal para quinzenal.

Pretendendo dar ao facto um ar de assunto arrumado, a empresa avisou somente os operários dessa modificação no próprio dia do pagamento.

Não contaram porém os patrões da TEBE com a reacção dos trabalhadores. Efectivamente, logo que foi co-

Mais de 80 mulheres fazem greve de braços caídos durante 4 horas exigindo o pagamento do aumento que haviam conquistado e que para cú-

As operárias que trabalham de empreitada, verificando que tinham sido as únicas a não receber aumentos, recusaram-se imediatamente a trabalhar de empreitada.

No seguimento da sua acção resolvem ir ter com o encarregado geral protestando junto deste contra a

## TEBE (Barcelos)

Enquanto são levantadas dificuldades para a ordem a "pessoa" de uma lista da de tes e de levanta-  
ta o Sindicato o que levou  
nhecida a manobra, os operários reagem imediatamente reclamando o pagamento semanal, chegando a sovar alguns encarregados que mais obstinadamente defendiam os interesses do patrão. A pronta resposta dos operários obrigou o patrão a recuar, sendo pago aos operários o salário correspondente à semana. Contudo não desistindo da sua pretensão a empresa tenta de novo, na semana seguinte, passar ao pagamento quinzenal. De novo porém a reacção dos operários

## MISTRAL (Figueira da Foz)

mujo dos roubos, embora já fosse contabilizado nas folhas de férias, as operárias não recebiam um tostão dele!  
Mesmo ameaçadas pela

## FONCAR (Porto)

descriminação que lhes tinha sido feita, obrigando para isso o encarregado a recebê-las uma a uma, mantendo-se as restantes à porta do escritório até que a última foi atendida, resultando daqui uma paralização de trabalho que durou cerca de 45 minutos. Perante

luta contra  
de despedimentos  
(continuação da pag. 2)

é imediata exigindo mais uma vez o pagamento semanal.

A policia, chamada pelos donos da TEBE, apercebendo-se da indignação dos operários e da determinação com que defendiam os seus direitos, não chegou a intervir. O patrão, por sua vez, perante a resistência dos operários é obrigado a ceder, pagando de novo o salário semanal. Cifra-se portanto numa importante vitória a resistência e a unidade postas na luta pelos operários da TEBE.

policia, as operárias não se deixaram intimidar e só retomaram o trabalho depois de lhes ser assegurado o pagamento do salário com o aumento conquistado.

esta pronta reacção das operárias o encarregado é obrigado a prometer aumento para breve.

Há que estar por isso atentas, para passar de novo à luta caso não seja satisfeita para breve a sua justa reivindicação.

## luta contra

## os despedimentos

(continuação da pág. 2)

Luta unida pelo pagamento de indemnizações justas, indemnizações que tenham em conta o pagamento do salário integral até de novos ser dado trabalho.

Luta unida pelo direito ao trabalho exigindo em prégo junto das Câmaras, INTP, etc.

Manter firmemente a sua unidade, não se deixar iludir com promessas vãs do patronato e do INTP, procurar reunir para encontrar em conjunto as formas de luta a empregar, saber esger os companheiros de mais confiança para encabeçarem e dirigirem a sua luta, unir-se firmemente em torno deles, são alguns dos passos a dar e das reivindicações a pôr no momento; capazes de mobilizar os trabalhadores e de fazer reuçar os monopólistas da CUF, tal como outros tão poderosos como estes têm recuado, perante a força, a unidade e a determinação dos trabalhadores em luta pelos seus direitos.

Enquanto são levantadas dificuldades de toda a ordem à apresentação de uma lista da confiança dos trabalhadores às próximas eleições para o Sindicato, o que levou os trabalhadores a ter de recorrer a um advogado para tentar romper com as peias burocráticas que os fascistas querem impôr à apresentação da lista, paralelamente a isso começam já a surgir as pressões do patronato junto de alguns activistas; despedindo uns e ameaçando outros com idêntica medida, numa tentativa de sufocar a luta dos trabalhadores.

Por outro lado, a Federação dos Sindicatos Têxteis que havia feito uma proposta de revisão de salários que continha um aumento de 70%, aceitou, sem consultar a classe, a proposta Gremial que fixa o aumento em 47% e mesmo assim pago em 3 prestações a última das quais em 1974! A verificar-se este aumento pouco ou nada a classe beneficiaria com ele pois actualmente já empresas pagam salários mais elevados.

O habitual jogo do patronato de conluio com o fascismo: Por um lado tenta evitar que os Sindicatos sejam dirigidos por trabalhadores honestos, recorrendo à intimidação e ao despedimento dos trabalhadores mais activistas (e não poucas vezes à prisão), enquanto que os organismos fascistas levantam toda uma série de dificuldades burocráticas, para desanimar os trabalhadores de continuar; por outro lado, valendo-se das direcções laicaas que permanecem à frente de or-

ganismos que se dizem para defesa dos trabalhadores, negocia nas costas dos trabalhadores contratos que em nada os vão beneficiar.

Estes factos indignaram fortemente os operários que resolveram imediatamente protestar contra esta arbitrariedade junto do Sindicato e do Ministério das Corporações, arbitrariedade tanto maior quanto ela ficará protegida pelo recente Decreto que congela os salários por períodos de 2 anos!

Contudo, embora válidas, estas formas de luta, para se revelarem eficazes terão que ser coordenadas com a luta a partir de cada empresa (ainda o principal e mais eficaz campo de luta dos trabalhadores) partindo daí para a exigência no pagamento de maior salário de acordo com a proposta que os trabalhadores em ampla assembleia tinham acordado.

**Rádio Portugal Livre**

Transmite diariamente:  
Das 8 às 8,30 horas em 19, 20, 20,8 e 25 metros.  
Das 19 às 21 horas em 19 e 25 metros.  
Das 0,20 às 0,50 horas em 25, 26, 52 e 36 metros.  
Aos domingos transmite ainda das 15 às 15,30 horas em 19, 20, 25 e 26 metros.

**Rádio Moscovo**

Transmite para Portugal em emissões diárias das 19 às 21 horas em 50, 51, 41, 42 e 49 metros.

LE «O TEXTIL»

DIVULGA «O TEXTIL»

ESTE É O TEU JORNAL

RECOLHE DINHEIRO

PARA «O TEXTIL»